TL 1156

TIMOR-LESTE E A DIGNIDADE NACIONAL

1. A cultura lusíada, a influência cristã e a identidade maubere

Dos cerca de 160 milhões de habitantes da Indonésia, segundo as estatísticas aproximadamente 87% são mulçumanos, 9% cristãos, 2% hinduístas (predominantemente em Bali), 1% budistas e 1% confucionistas ou com outras crenças. Dos 9% cristãos, 2/3 são protestantes (6%) e 1/3 são católicos (3%).

Em contraste com estes números, em 1974 dos cerca de 690 mil habitantes de Timor-Leste perto de 31,5% eram católicos, 67% animistas, 1% budistas (de origem chinesa) 0,3% protestantes e apenas 0,04% muçulmanos.

A invasão e ocupação indonésia suscitaram, na população do território, uma recusa generalizada do ocupante e da sua cultura, pelo que dez anos depois (1985) o número de católicos era de cerca de 84%, havendo 12% animistas e 3% de mulçumanos (na sua maioria indonésios: - militares, funcionários e outros).

Monsenhor Ximenes Belo, actual Administrador Apostólico da diocese de Dili explica, em entrevista a um jornal de Macau, esta evolução, e nomeadamente o grande aumento da percentagem de católicos, apesar das campanhas de islamização que, em diversas alturas, os ocupantes indonésios tentaram:

> "Trata-se de uma resolução generalizada de um povo que procura em nós a defesa da sua identidade".

Quando os navegadores, os comerciantes e os missionários portugueses chegaram a Timor (1515) nem a escrita nem qualquer das influências culturais dominantes na Indonésia tinham chegado a essa ilha.

Enquanto a matriz cultural indonésia se pode esquematizar como se segue:

Substracto: - Animismo mágico (culto dos antepassados + lei não escrita + consenso)

1ª vaga - Hindo-budismo (primeiros séculos da era cristã)
- influência económica e política chinesa, a partir do século VIII

2ª vaga - Islâmica (com início no século XII em Sumatra, mas mais estendido sobretudo a partir do século XIV) - É a predominante, embora sincreticamente ligada às raízes tradicionais e misturada com as outras influências anteriores ou posteriores.

/...

3ª vaga - Cristã (a partir do século XVI, e sobretudo em zonas pouco islamizadas). A lingua holandesa não é lingua oficial na Indonésia onde os raros jornais publicados em lingua estrangeira o são em inglês.

4ª vaga - Secularismos: - super-cultura internacional e metropolitana.

A cultura timor pode esquematizar-se:

Substracto: - Animismo mágico

Influência cultural externa quase única (até 1975): católica e portuguesa.

Esta influência católica e portuguesa, levou consigo os seus traços de universalismo e brandura, apesar da dureza com que foram esmagadas numerosas revoltas contra o poder e a administração imperiais. A brutalidade e a barbaridade de que têm dado provas os ocupantes indonésios veio reduzir a proporções comparativamente modestas todas as guerras e massacres anteriores, cimentando um sentimento nacional que reivindica o português como lingua de expressão oficial, apesar da lingua de Camões ser tão pouco conhecida pela generalidade da população timorense e do seu uso ser tão reprimido pelos ocupantes.

As enormes diferenças culturais entre timorenses e indonésios (em particular os javaneses) levaram o historiador Luis Thomaz (grande conhecedor de línguas orientais) a escrever:

> " Numa comparação aproximada, podemos dizer que Timor está para a Indonésia não como Portugal está para Espanha, mas antes como Portugal está para Marrocos:- com características geográficas semelhantes, uma raça idêntica, mas recobertos por influências culturais distintas: - um pela civilização mulçumana, outro pela cristã, que ao difundir-se cada uma pela sua margem do mediterrâneo, quebraram uma unidade que a geografia e a antropologia pareciam impôr". [in "Timor Autopsia de uma Tragédia" - Lisboa 1977].

2. O humanismo português e a responsabilidade para com o povo de Timor-Leste

Foi Portugal—em tempos em que ser católico e ser súbito do Rei de Portugal era quase sinónimo nessas longinquas paragens,—quem determinou, de forma lenta e progressiva, uma evolução específica de Timor, diferente do que outras influências externas determinaram no resto da Indonésia.

/...

Criaram-se laços históricos, morais, políticos e jurídicos, ao longo dos séculos, que levaram os timorenses, durante e logo a seguir à 2ª guerra Mundial, a ter um comportamento relativamente a Portugal bem diferente do dos indonésios em relação à Holanda.

Da forma como Portugal fôr capaz de assumir, até ao fim, as suas responsabilidades para com um povo ainda legalmente sob administração portuguesa, depende o sentido de toda a gesta dos descobrimentos, e da nossa história e maneira de ser como povo e como nação.

O humanismo universalista será uma característica real a marcar o nosso presente e a ligar o futuro às raízes do nosso passado histórico, se a ignomínia de hoje não vier dizer-nos que, afinal, a expansão portuguesa não passou de mera ambição imperial, domínio, exploração e, por fim, abandono.

A saúde moral da nação depende da dignidade com que soubermos honrar os compromissos históricos, e os laços que nos unem ainda, de forma única, a um povo mártir, cujo destino a própria nação portuguesa foi influenciando e tecendo, através de mais de quatro séculos de convivência. Na dignidade ou indignidade do comportamento do Estado Português face a Timor, nos revelamos como Povo e como Nação, não apenas hoje e amanhã, mas pelas gerações futuras. Para o povo timorense, para os povos de expressão portuguesa e para a humanidade, em geral, o modo como fecharmos o ciclo do império ficará a marcar na história, e para sempre, a própria forma como fomos povo e nação através dos séculos. Nisso se aferirá da realidade ou do equívoco que é e que foi o humanismo português.

3. O interesse nacional e os interesses estrangeiros em relação a Timor

É óbvio que a Indonésia estava interessada (já muito antes de 1974) em absorver Timor. Ou para constituir um "império" num espaço geográfico menos parcelado, ou para iludir problemas internos e cimentar a frágil unidade nacional galvanizando a população em torno de objectivos comuns, ou para dar uma "lição" aos autonomistas doutras ilhas e mostrar a força do regime instalado em Jacarta, ou para evitar eventuais "cubas" às suas portas, ou para se apropriar do petróleo do riquissimo Mar de Timor.

A existência de petróleo, perto da fronteira marítima entre Timor-Leste e a Austrália, a par do desejo de boas relações com o poderoso vizinho, terão sido para este país as principais razões para um apoio mais ou menos velado à invasão de Timor pela Indonésia.

/...

Para os EUA e outros países ocidentais, trata-se de aguentar um regime e uma frágil unidade nacional num colosso rico em petróleo, borracha e outras matérias, e que Suharto transformou no "paraíso dos investidores".

Para a URSS mais vale que a Indonésia se mantenha estavelmente sob influência americana do que que caia sob influência chinesa (ou não fosse pró-chinês o PKI - o maior partido comunista da Ásia, a seguir aos chinês, quando o General Suharto o esmagou, em 1965, liquidando cerca de um milhão de indonésios ...).

Aparentemente Portugal cedeu e continua a ceder, cada vez mais, aos interesses estrangeiros nessa área.

E não terá Portugal interesses próprios nessa zona da bacia do Pacífico que se tornou já o centro económico do mundo?

Será possível preservar, além da identidade maubere, os próprios interesses nacionais, que um estado independente de expressão portuguesa poderia significar, cedendo tão totalmente aos interesses estrangeiros?

4. O genocídio do Povo Maubere e o poder e a dignidade nacionais

Cada ano que passa é cada vez mais evidente o genocídio físico e cultural de que está a ser vítima o povo de Timor-Leste desde a invasão indonésia.

Como compreender, assim que tantos governos tenham mantido silêncio chegando mesmo ao extremo de impedir ao delegado português na Comissão dos Direitos Humanos da ONU de falar nas violações dos direitos humanos em Timor, durante os anos da sua permanência como delegado nesse importantíssimo organismo, ou silencionando e procurando anular o efeito de importantes resoluções tomadas no Parlamento Europeu e noutras instâncias internacionais e que defendiam os direitos do Povo de Timor-Leste e de Portugal, enquanto potência administrante?

Ao fechar os olhos e deixar caír os braços, ao ceder a interesses e pressões estrangeiras, não estarão os governantes portugueses (das várias côres políticas que já passaram pela governação) a pretender fazer a nação ajoelhar perante interesses estranhos, e a vender a sua alma, tornando-se coniventes num genocídio só comparável, em gravidade e extensão, ao do Cambodja?

/...

Duzentos mil cidadãos sob responsabilidade portuguesa mortos por um brutal e bárbaro ocupante, serão compatíveis com o silêncio e a inoperância da potência a quem cabe, legalmente, a administração do território?

Face ao drama de Timor-Leste, sucessivos governos têm com os seus silêncios, incapacidades e até cumplicidades, posto de rastos o poder e a dignidade nacional.

Ou não será claro que, até hoje, por melhores que pudessem ser as intenções, Portugal não fez outra coisa senão pactuar com uma política de genocídio, quase nada fazendo para o evitar?

Onde está o humanismo universalista e o respeito pelos povos outrora colonizados se o Estado Português continua a não ter em conta o povo de Timor-Leste e afasta das conversações, já havidas ou em curso, com a potência ocupante, os representantes do próprio povo cujo destino se negoceia?

Não é na ignorância e no desprezo pelo povo de Timor que Portugal pode ser fiel ao humanismo cristão que enforma a sua alma. E não é no abandono nem na hipocrisia que lava a honra da nação.

Um estado pequeno e fraco como Portugal, que se reclama do humanismo universalista, afirma-se pela dignidade e inteligência com que fôr capaz de defender os seus direitos e os laços com os povos cuja matriz cultural mais influenciou.

Timor é o paradigma do poder e da dignidade nacionais.

Porto, 15 de Janeiro de 1988

António Pinto Barbedo de Magalhães
(Professor Associado da FEUP)

TL 1156

Exmº Senhor Director do
Instituto de Defesa Nacional
Rua Antero Quental, 367
4200 Porto

Porto, 14 de Janeiro de 1988

Exmº Senhor Director:

Agradeço o convite que me foi feito para participar na Mesa Redonda sobre "O Vector Cultural do Poder Nacional", a realizar no próximo dia 19 de Janeiro de 1988.

Tendo em conta a solicitação (ou sugestão) constante do ponto 3 da carta-convite, permito-me propôr que no debate seja abordada a questão de Timor-Leste, nas suas vertentes seguintes:

1) A cultura lusíada, a influência cristã e a identidade maubere;

2) O humanismo português e a responsabilidade nacional para com o povo de Timor-Leste;

3) O interesse nacional e os interesses estrangeiros relativamente a Timor-Leste;

4) O genocídio do Povo Maubere e o poder e a dignidade nacionais.

A esse propósito junto o texto anexo, o qual poderá ser distribuído no início da mesa redonda, se V.Exª assim o entender.

Com os melhores cumprimentos,

António Pinto Barbedo de Magalhães
(Professor Associado)